



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

IGO BARBOSA PEREIRA

***MARIO SERGIO CORTELLA: SUA IMPORTANCIA E
CARACTERIZAÇÃO***

**Redenção
2016**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

IGO BARBOSA PEREIRA

***MARIO SERGIO CORTELLA: SUA IMPORTANCIA E
CARACTERIZAÇÃO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos
requisitos necessários para a obtenção do título
de Bacharel.

Prof. Orientador: Ramon Souza Capelle de Andrade

**Redenção
2016**

IGO BARBOSA PEREIRA

***MARIO SERGIO CORTELLA: SUA IMPORTANCIA E
CARACTERIZAÇÃO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos
requisitos necessários para a obtenção do título
de Bacharel.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade
UNILAB

Prof. Dr. Luís Carlos Silva de Souza
UNILAB

Prof. Dr. Carlos Subuhana
UNILAB

**Redenção
2016**

AGRADECIMENTOS

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Campus Redenção/CE, pela oportunidade dada a mim em prol do meu desenvolvimento educacional superior.

Ao meu orientador Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade, por ter acreditado no potencial e importância do meu trabalho e por ter me orientado nesse tema.

A banca examinadora pelo tempo e dedicação nesse trabalho, para que o melhor seja produzido.

A todos os meus Professores que me repassaram seus conhecimentos e os servidores do Campus que me ajudaram.

A minha Mãe Maria das Graças Barbosa, por ter me ensinado a ir atrás do que acredito, ter me apoiado, e preparado para o mundo. A ela, devo tudo que sou.

Aos meus irmãos, distantes fisicamente uns dos outros, mas sempre prontos para ajudar e confortar nos momentos difíceis.

A minha namorada Nayara Dos Santos Alixandre, pela paciência, carinho, companheirismo, amizade e compreensão nos momentos difíceis. Nunca poderei mensurar o quando ela é importante para minha vida.

Aos meus amigos, e colegas de moradia, na pessoa de Marcelo, Denilson e Francisco de Souza, que contribuíram com esse trabalho através do companheirismo, incentivo, e construção de um ambiente propício aos estudos, além do apoio emocional.

A todos, enfim, reitero o meu apreço e a minha eterna gratidão.

*“A vida é muito curta para ser
pequena ”.*
Benjamin Disraeli

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar as construções teóricas do filósofo e educador brasileiro Mario Sergio Cortella, bem como demonstrar características *sui generis*, que notamos no modo pelo qual Cortella transmite as informações e concepções, passando por temas tais como ética, e multiculturalismo na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira.

Palavras-Chave: Cortella, filosofia e multiculturalidade.

ABSTRACT

This work aims at analyzing the main problems faced by foreign students from UNILAB, university that was born guided by the principles of interculturalism and south-south international cooperation. We indicate also the manner in which the existence of student housing (still under construction in UNILAB) could solve part of the problems faced by foreign students.

Key-words: Interculturalism, south-south international cooperation and foreign students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I FILOSOFIA.....	12
II ÉTICA.....	21
III ASPECTOS METAFÍSICOS....	28
IV RELIGIÃO.....	30
V MARIO SERGIO CORTELLA E MULTICULTURALISMO.....	34
VI MARIO SERGIO CORTELLA E AS MODALIDADES DE MULTICULTURALISMO.	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

Introdução

Inicialmente, buscávamos um autor (ou autores) que abordasse (m) a filosofia, campo do conhecimento de nosso interesse, à luz de uma perspectiva menos formal ou, em outras palavras, que evitasse uma mera exposição de pensadores e suas ideias, além de ser de fácil entendimento, o que serviria para a construção de um “esqueleto” de concepções e temáticas das quais a filosofia se ocupa, além de noções básicas do pensar filosófico. É nesse contexto que nos deparamos com Mario Sergio Cortella, filósofo, educador e professor. Cortella aborda temas atuais, e isso em palestras, programas televisivos e mesas redondas, e não apenas, ou prioritariamente, em publicação impressas (como livros e artigos especializados).

Há, além disso, uma característica especial, realmente *sui generis*, que notamos no modo pelo qual Cortella faz filosofia e transmite as informações e concepções. Tal diferencial provavelmente provém de sua formação, baseada nas ideias de Paulo Freire sobre educação, e se expressa por meio de sua (de Cortella) ampla preocupação com a linguagem, com o conteúdo e com a maneira de melhor transmiti-los. Segundo Cortella, por exemplo, poderíamos tornar a filosofia menos abstrata e geral, falando da Escola Cínica da filosofia a partir de, digamos, uma música da Lady Gaga em que a tradução para o português significa “cara cínica”, ou mesmo pelo personagem “Chaves”, que cita uma frase cínica bastante conhecida: “foi sem querer querendo”. Foi assim que nos aproximamos do intelectual Mário Sérgio Cortella, por ele, sobretudo, tratar de temas e problemas filosóficos cotidianos e atuais, além de lançar mão de uma linguagem próxima da realidade do público em geral e utilizar canais de comunicação de fácil acesso, como o rádio, a televisão e a internet. Eis agora um pouco sobre nosso autor.

Mário Sérgio Cortella nasceu em Londrina/PR em 5 de março de 1954, filósofo e escritor, com mestrado e doutorado em Educação, professor titular da PUC-SP (na qual atuou por 35 anos, 1977-2012), com docência e pesquisa na pós-graduação em Educação: Currículo (1997- 2012) e no Departamento de Teologia e Ciências da Religião (1977-2007); é professor convidado da Fundação Dom Cabral (desde 1997); ensinou no GVpec da FGV-SP (1998-2010). Foi secretário Municipal de Educação de São Paulo (1991-1992), tendo antes sido Assessor Especial e Chefe de Gabinete do Prof. Paulo Freire. É autor, entre outras obras, de *Nos labirintos da moral*, com Yves de La Taille (Papirus); *Não espere pelo epitáfio!* (Vozes); *Não nascemos prontos!* (Vozes); *Liderança em foco*, com Eugenio Mussak (Papirus); *Política: para não ser idiota*, com Renato Janine (atual Ministro da Educação); *Educação e esperança: Sete*

reflexões breves para recusar o biocídio (PoliSaber) e *Vida e carreira: um equilíbrio possível?* com Pedro Mandelli (Papyrus).

Além disso, Cortella é conhecido, entre outras razões, por sua presença marcante em debates e em programas no rádio e na TV, bem como palestras e vídeos postados na internet. Ele se aproxima, por essa razão, do público em geral (não-especializado dos filósofos), informando e contribuindo para a construção da opinião pública. Assim, por exemplo, Cortella participa, há 15 anos, como debatedor do *Programa Paulo Lopes*, transmitido durante dez anos pela Rádio Globo e pela Rádio Capital de São Paulo. Na TV, apresenta a série *Diálogos impertinentes*, uma iniciativa da PUC-SP, Folha de São Paulo e SESC, transmitido pela rede SESCSENAC de televisão; além de participações em emissoras de televisão de abrangência nacional, como Rede Globo: “Mais Você”, “Jornal Hoje” e “Programa do Faustão” - e Rede Bandeirantes: “Agora é Tarde, com Danilo Gentile”. Tal exposição é feita intencionalmente por parte de Cortella, pois ele *reconhece que a mídia é uma ferramenta poderosíssima, que presta um valioso serviço àqueles que se propõem a utilizá-la como meio de se comunicar de forma indireta, porém não menos eficaz, transmitir ideias, conscientizar, propor reflexões e debates*. Assim, tentaremos caracterizar a faceta exposta por Cortella em sua exposição mais midiática e popular, menos formal ou acadêmica, direcionada a um público diverso, com diferentes posições e status social, que estão expostos as diferentes plataformas digitais e meios de comunicação. Tais meios de comunicação se fazem presentes nos discursos e no imaginário da grande massa popular, que os utiliza, em certa medida, para compor crenças, concepções de verdade, e noções sobre o que é real e pertinente em suas vidas.

Assim sendo, expomos, em seguida, um quadro explicativo (dividido em Funções sociais, o mecanismo que essas funções acarretam, seguido de exemplo, utilizado em um artigo intitulado “Rádio e Televisão como Instrumentos de Valorização da Identidade Nacional”, produzido por Bernardo F. E. Lins) com o objetivo de reforçar a importância social dos meios de comunicação, utilizados por Cortella, em especial o rádio e a TV.

Função social	Mecanismo	Exemplos
Atribuição de relevância	Um fato é divulgado mais amplamente do que outros, tornando-se foco prioritário de discussão pública	Quebra do sigilo do painel do Senado

Preservação de normas	Uma norma que é quebrada no âmbito privado, quando levada à discussão pública, volta a ser considerada essencial, condenando-se os desvios	Caso Lewinsky (adultério), prisão do Juiz Nicolau dos Santos Neto (corrupção)
Legitimação	Ideias, pessoas ou grupos procuram exposição para ganhar legitimidade diante do público	A busca de espaço na mídia pelo ex-presidente Fernando Collor no último ano
Integração social	Informações sobre o meio social são disseminadas amplamente, dando parâmetros para o comportamento e as decisões individuais e coletivas	Escassez de eletricidade, propaganda eleitoral
Promoção do conformismo	Comportamento que escapa as normas vigentes é criticado ou é estilizado, de modo a enquadrá-lo em limites aceitáveis	Transformação de comportamentos alternativos em moda (neo-punk, neo-hippie)

Neste contexto (de justificação da escolha da filosofia de Cortella como objeto de pesquisa), relevante é, também, expor o comentário de Maria Alzira de Almeida Pimenta, Prof. da Universidade Estadual Paulista (e pesquisadora do GPETCO: Grupo de Pesquisa em Educação, Trabalho e Cultura Organizacional, da UNICAMP), ao livro de Cortella, “A escola e conhecimento: Fundamentos epistemológicos e políticos”; julgamos que tal comentário possa ser estendido às outras obras de Cortella. Nas palavras de Almeida Pimenta:

É notória sua capacidade (Cortella) de articular uma gama enorme de informações em uma análise pertinente que, sem deixar de conter críticas meticulosas, consegue, ao mesmo tempo, ser profundamente otimista. Seu trabalho, pleno de humanismo, rompe com antigas falácias da academia, entre elas a neutralidade e o racionalismo, geralmente defendidos como se ambos fossem possíveis.... Desconstruindo jargões e repetições automatizadas (que com força ideológica engendram ações, atribuem valores, assim determinando a realidade), vai revelando as fragilidades e,

consequentemente, os espaços para transformação do que muitas vezes nos parece inabalável (Almeida Pimenta, 2000, p.117).

Com base no exposto acima, acreditamos ter exibido uma justificativa para nossa escolha de entendimento da filosofia de Cortella, filosofia essa que lida com questões atuais, se utilizando, ao mesmo tempo, de metodologias (e espaços comunicacionais e interativos) também atuais. Como pessoa ativa publicamente, Cortella participa das funções sociais dos meios de comunicação, citadas anteriormente, principalmente na atribuição de relevância e integração social, contribuindo para a formação da opinião da população em geral. No que se segue, passamos a expor como Cortella concebe e interpreta alguns dos principais ramos da filosofia. Estaremos especialmente interessados, além disso, nas ideias de Cortella acerca da multiculturalidade.

I) FILOSOFIA

Cortella concebe a filosofia como um modo de pensar, um olhar programado, metódico e sistemático. A filosofia lida com os “porquês” (uma busca pelas causas) e não com os “comos”, ou o modo operante de algo, tarefa desenvolvida pelas ciências especiais, como a física e a biologia. Desse ponto de vista, a filosofia investiga as razões, os princípios, as causas de nossas ações, a maneira como pensamos (a estrutura lógica do pensamento) e como nos posicionamos diante do mundo.

Há, assim, uma influência socrática na concepção de filosofia de Cortella, justamente na medida em que o autor considera a filosofia como caminho para se chegar além do que temos (ou conhecemos) no momento, as causas, bem como de reformular aquilo que se mostra insuficiente ou contraditório, ajudando o indivíduo humano a conhecer melhor a si mesmo e ao mundo que o cerca. cremos, contudo, que Cortella vai além da definição de filosofia como mero método de análise do discurso. Dessa forma (como análise do discurso), a filosofia seria secundária, subordinada a alguma teoria (Platão concebe a filosofia como teoria, porém mais voltada para a contemplação e a meditação), o que, de certa forma, limitaria o campo e as formulações filosóficas.

Já no que diz respeito à concepção de filosofia de Aristóteles (*como suprema ciência, acima e determinante das demais*), Cortella caminha em sentido contrário, porque, de acordo com o autor, não há provas (“extraídas via protocolos empíricos”) em filosofia, o que, por sua vez, confere à filosofia, atualmente, um *status* de saber e não propriamente de ciência (que não existe sem confronto real entre teoria e fatos ou estrutura da natureza e dos fenômenos). Contudo, como o comenta o autor, ser improvável ou produzir teorias ou explicações de natureza probabilística não significa ser impossível (improvável no sentido de não apresentar provas palpáveis ou formulações experimentáveis em laboratórios, por exemplo). Por essa mesma razão, o fazer filosófico ainda se faz válido, já que seus objetivos se mostram alcançáveis por quem a ele se dedica.

Sendo assim, a filosofia se distingue das ciências, mas, ao mesmo tempo, encontra-se em íntima ligação com a produção científica, oferecendo análise conceitual, problematização, reflexão, critérios racionais e metodológicos de avaliação daquilo que é produzido pelas ciências e considerado conhecimento verdadeiro. Vale, ainda, ressaltar que, historicamente, o saber que hoje concebemos como científico, inicialmente estava inserido no campo filosófico. Logo após, ao se aprofundar, os saberes foram gradualmente se especializando e deram origem

ao que hoje concebemos como física, química, biologia, astronomia, matemática e assim por diante.

Ser filósofo é, então, a partir do exposto, conduzir uma atividade que busca ir além do senso comum, ultrapassando as barreiras do pensamento comumente aceito e perpetuado, e que desemboca em verdade e costumes ditos como certos e verdadeiros; indicar que nem sempre o que nós vemos, ouvimos ou pensamos corresponde aquilo que vem a ser o caso no mundo. Desse ponto de vista, a liberdade deve nortear as ações daquele que se dedica a filosofia – não só do filósofo, mas principalmente dele, sendo uma condição primária de atuação e pensamento. Liberdade essa que pode ser entendida como fazer o que se quer fazer, porém no âmbito das normas coletivamente convencionadas. Mas é preciso ter cautela, pois ser filósofo ou pensar nas causas das coisas, bem como em suas implicações, pode ganhar ares de pensamento crítico; no entanto, a filosofia não é – ao menos toda ela – pensamento que nos fará necessariamente atingir a felicidade, a verdade ou a realidade, haja visto que os nazistas tiveram seus filósofos, os preconceituosos, machistas e os corruptos tiveram (e ainda tem, mesmo que de modo menos evidente, ou camuflado) seus filósofos e filosofias. Além disso, tal liberdade, como pré-requisito para a atividade filosófica, não pode ser entendida como fazer aquilo que se quer fazer ignorando as consequências, uma vez que, desse modo, estaríamos abrindo caminho para o domínio dos nossos instintos sobre nós, e, caso isso venha a acontecer, perderíamos aquilo que nos orgulha e nos diferencia dos demais animais: a civilidade, que é um estágio em que o ser humano dominaria seus instintos em favor da vida coletiva ou em sociedade.

Já no que se refere ao papel do professor de filosofia ou do filósofo, Cortella demonstra as ideias de um autor que participou diretamente de sua vida e de sua formação: Paulo Freire. Freire, um dos maiores educadores do Brasil, patrono da educação brasileira, influenciou Cortella de várias maneiras, uma delas situa-se em sua concepção de papel político do filósofo, ou daquele que lida com o conhecimento de forma geral, ao desenvolver a educação como emancipação. Lembramos que o termo político aqui mencionado está no sentido de preocupação e interferência positiva na vida das pessoas, não a partidária que também pertence ao campo político, mas que é mais restrita.

Educação escolar, familiar, ou no trabalho precisa estar ligada muito mais à ideia de emancipar alguém. É necessário educar uma pessoa em qualquer idade para que se torne livre, isto é, autônoma, capaz de fazer por si mesma. Educar é, acima de tudo, ajudar a emancipar alguém nas suas capacidades e ideias (Cortella, 2014, p.27).

Tal emancipação pode ser também verificada, em um sentido um pouco diferente, na alegoria, ou mito, da caverna de Platão: no momento em que o prisioneiro volta à caverna, após

sair e conhecer a realidade tal qual ela é, e tenta convencer os seus companheiros, que ainda encontram-se presos, de que o que eles enxergam e pensam ser a realidade na verdade não passa de ilusão e imagens distorcidas, e que é preciso e benéfico descobrir, ou redescobrir, a verdade, o real.

Dessa forma, ao filósofo cabe não somente se libertar dos preconceitos, de uma maneira de viver marcada pela falta de reflexão, de uma visão baseada no fatalismo, naturalizada ou ainda marcada pela alienação em relação ao mundo. Ele deve contribuir para a libertação dos demais indivíduos por meio da conscientização, do esclarecimento, da explicação, etc. Aliás, o termo explicação possui um significado curioso:

A palavra ‘explicar’ tem uma origem bem interessante: plicare vem para nós do indo-europeu, também gerou o latim, e plic ou plec ou plex, significa ‘dobrar’ ... E o que é explicar? É o contrário de complicar. Você complica quando dobra várias vezes de maneira que fique intrincado. Nós explicamos quando desdobramos... A tarefa do conhecimento é permitir que nós sejamos muito mais nítidos em relação ao modo como queremos enxergar as coisas (Cortella, 2014, p.19).

O filósofo deve, então, tentar explicar os fenômenos e das explicações extrair consequências práticas, aplicáveis a vida em sociedade, contribuindo assim para a emancipação, no sentido de Freire, dos seres humanos. Vejamos, agora, como Cortella concebe a ética.

II) ÉTICA

Cortella concebe a ética (parte da filosofia que busca refletir sobre o valor do comportamento humano) como um conjunto de valores e princípios que utilizamos para decidir as três grandes questões da vida de um indivíduo: quero, devo, posso. Quando estamos frente a uma determinada situação em que é necessário a tomada de uma escolha, nós nos deparamos com o “quero, devo, posso”, haja visto que, quando queremos algo, talvez não deveríamos tê-lo; ou quando deveríamos tê-lo, não podemos; ou ainda, quando poderíamos, não queremos. Cortella formula da seguinte maneira: há coisas que eu quero mas não devo, há coisas que eu devo, mas não posso, e há coisas que eu posso, mas não quero. Devemos escolher uma determinada opção em uma dada ocasião que seja ao mesmo tempo, o que queremos, o que devemos e o que podemos para que ela tenha legitimidade do ponto de vista ético, ou, para os mais espirituosos, paz de espírito, expressão utilizada por ele.

O dever se define através de princípios da sociedade, de normatizações, de costumes inerentes a uma determinada sociedade. Em Cortella, podemos verificar uma tomada de posição que engloba a questão do querer agir, bem como do poder agir, da possibilidade de escolha na tomada de decisão. No que se refere a moral, Cortella a definiu como a prática de uma ética, por exemplo: eu tenho um princípio ético, fazer o bem (ou fazer com o outro aquilo que gostaríamos que fizessem comigo) ao nosso semelhante; minha conduta moral é se faço ou não. Aparentemente isso é bem simples, porém há uma série de “variáveis” a serem consideradas, como a noção de semelhante, ou seja, o outro como ser humano, como cidadão portador de direitos e deveres. Há quem retire a humanidade de um assassino e, por isso, poderíamos retirar sua vida, sem implicações éticas relevantes. Até mesmo a concepção de bem, muitas vezes utilizada para legitimar determinada ação, pode variar de pessoa para pessoa (o que dirá de cultura para cultura); isso se manifesta, por exemplo, na questão do aborto, em que alguns o defendem em nome do direito que o cidadão possui de fazer com o corpo o que quer, já outros o abominam, seja por embasamento religioso, ou por considerar o embrião como um outro ser humano, e por isso detentor do direito à vida. Tais exemplos são demasiados complexos, porém a sua utilização serve para ilustrar o quanto as questões morais provocam disparidades de opiniões.

Assim, se estabelece uma certa variação dos atos moralmente aceitos, e dos não aceitos. Como Cortella comenta, em uma entrevista concedida a Jô Soares em seu programa transmitido pela Rede Globo, “não é que a ética é relativa, a moral é relativa, a ética é sempre

de uma época e de um grupo, mas ela tem a tentativa de ser universal...”. A declaração dos Direitos dos homens constitui tentativa de uma ética universal, agora, sua aplicação no cotidiano envolve uma série de outras implicações, como a temporal e a cultura, que determinam os valores embutidos nas ações humanas.

A ética está baseada na possibilidade de escolha, esta, por sua vez, para ser legítima e incorporar a responsabilidade que a acompanha, deve ser norteadada pela liberdade; caso contrário a escolha perderia a possibilidade de qualquer tipo de julgamento valorativo, e tal ação não entraria no campo da ética. Podemos verificar o exposto acima em um artigo escrito por Cortella (2014), “A Ética e a Produção do Conhecimento Hoje”, em que há seguinte passagem “É impossível falar em ética sem falar em liberdade. Quem não é livre não pode, evidentemente, ser julgado do ponto de vista ético”. O que nos faz retornar a atividade do filósofo (não só a dele, mas a sua principalmente) e com a necessidade de agir, pensar e falar livremente. Talvez por isso que a ética situa-se essencialmente no campo filosófico (ainda que em âmbito de uma filosofia essencialmente prática, ou seja, orientada para a ação).

Mas afinal para que serve a ética? Na visão do filósofo- educador, nós podemos encontrar a resposta na própria etimologia da palavra ética:

A palavra ética vem para nós do grego *ethos*, mas *ethos*, em grego, até o século VI a.C., significava morada do humano, no sentido de caráter ou modo de vida habitual, ou seja, o nosso lugar. Ethos é aquilo que nos abriga, aquilo que nos dá identidade, aquilo que nos torna o que somos. A noção original *ethos* não se perdeu, pois os latinos a traduziram pela expressão *more*, ou *mor* (o que gerou o termo morada) (Cortella, 2014 p.4).

A ética, ou os princípios éticos, tem por função a proteção da nossa morada, aquilo que nos caracteriza de um ponto de vista dos hábitos ou costumes de comportamento e ação. Ela deve evitar que a nossa morada fique desprotegida, garantir que todos possam usufruir de sua condição de ser humano, garantir sua vitalidade, para que a morada não se fragilize deixando uma parte dos indivíduos numa situação precária. Afinal, ser humano é ser junto e é em relação a isso que vale a pena pensarmos nossa capacidade de dizer não a tudo que vitime e sermos capazes de proteger o que eleva a vida.

Parece haver aqui uma certa aproximação entre Cortella e o utilitarismo de John Stuart Mill, quando, na passagem que se segue, retirada da segunda parte de “*O que é o utilitarismo*”, do livro “Utilitarismo, John Stuart Mill”, de autoria de Pedro Galvão, há uma defesa de uma conciliação entre a vontade pessoal e o bem coletivo, em favor de uma felicidade geral. Aos

seres humanos cabem a proteção de um bem maior (aquilo que venha a maximizar a felicidade) em detrimento dos interesses individuais.

Na regra de ouro de Jesus de Nazaré, lemos todo o espírito da ética da utilidade. Tratar os outros como queremos que nos tratem e amar o nosso próximo como a nós mesmos constituem a perfeição ideal da moralidade utilitarista. Quanto aos meios para a máxima aproximação a este ideal, a utilidade prescreve, em primeiro lugar, que as leis e estruturas sociais coloquem tanto quanto possível a felicidade ou o interesse de qualquer indivíduo em harmonia com o todo, e, em segundo lugar, que a educação e a opinião, que tem um poder tão grande sobre o carácter humano, usem esse poder para estabelecer na mente do indivíduo uma associação indissociável entre a sua própria felicidade e o bem comum (Galvão, 1861, p. 58).

Lembramos, contudo, que tal aproximação com a ética utilitária não significa que Cortella seja adepto de tal corrente. Citamos tal passagem apenas como uma forma de situar seu pensamento e estabelecer alguns vínculos necessários a um maior entendimento deste autor; no que se segue vejamos como Cortella concebe a metafísica.

III) ASPECTOS METAFÍSICOS

Uma das definições de metafísica contida no Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano, diz que: “A segunda concepção fundamental é a da Metafísica como ontologia ou doutrina que estuda os caracteres fundamentais do ser: os que todo ser tem e não pode deixar de ter”. A partir dessa definição, podemos abstrair dos escritos de Cortella uma concepção de natureza última, da verdade como correspondência final entre teorias científicas e estrutura da realidade, mas, também, e sobretudo, uma metafísica que procura explorar e abordar o sentido da vida humana. Percebemos, assim, que os principais temas abordados por ele, bem como sua forma de pensar, estão em torno da vida (dos seres humanos geralmente), o que reforça o seu caráter humanístico, de amor a vida e ao humano. Gostaríamos de lembrar que esse humanismo não deve ser confundido com uma forma de antropolatria, pois qualquer forma de adoração irrefletida se mostra não só infundada como muitas vezes prejudicial do ponto vista ético.

A partir do pensamento de Cortella (2015) podemos dizer que a vida é marcada pela possibilidade de nos transformarmos naquilo que originalmente seria apenas um sonho ou um desejo, ou até mesmo inimaginável em nossa condição primeira. Assim, não só a mudança (de comportamento e projetos de vida), mas principalmente a sua possibilidade, nos diferencia e nos faz ser o que somos. Desse ponto de vista, há uma perspectiva otimista em relação à condição humana, aquilo que a liberdade nos proporciona, pois, apesar de todo o poder deletério contido e muitas vezes expressado por nós, podemos ir em busca de uma condição caracterizada por aspectos que nenhum outro ser vivo conhecido poderá alcançar: a possibilidade da auto-realização, da autoconsciência (como consciência de si mesmo e do mundo), do senso comunitário. Assim, não é só a racionalidade pura e simples que caracterizaria e distinguiria os seres humanos dos demais sistemas biológicos menos desenvolvidos do ponto de vista da escala evolucionária da vida, mas antes o uso de tal racionalidade em favor da transformação da condição humana e da vida em sociedade.

A mudança, aqui mencionada, não deve ser tomada em uma perspectiva global, como se a humanidade como conjunto orgânico possuísse a capacidade de transformação independentemente dos indivíduos, pois é o indivíduo que, movido por seus desejos e paixões, age e transforma a realidade. Vale, contudo, ressaltar que, como dito no trecho voltado a ética, o bem coletivo, a felicidade geral, deve ter um peso considerável na tomada de decisão, uma vez que a humanidade estaria contida em cada um de nós e, por essa razão, deve servir de ponto de referência para as nossas decisões. Podemos voltar ao indivíduo para explicar o teor da

“possibilidade de mudança”, que, para nós, caracterizaria o pensamento de Cortella. Como exemplo podemos citar uma passagem do livro “Pensar Bem Nos Faz Bem” do autor, em que ele comenta a noção do “novo”:

O lugar do novo, a ideia do inédito, aquilo que está grávido, e a palavra é essa mesma: grávido, impregnado. Aquilo que é inédito está grávido, do novo, aquilo que pode trazer para nós uma outra possibilidade, uma outra condição, aquilo que ainda não é.... De maneira geral, temos uma disponibilidade muito grande frente à ideia do novo, de estabelecer propósitos, de colocar metas (Cortella, 2013, p.16).

Além dessa passagem, a importância do movimento, da transformação, fica evidente no título de um livro de Cortella: “Não Nascemos Prontos”. Nesse livro, logo após o prefácio, há a seguinte passagem:

A condição humana perde substância e energia vital toda vez que se sente plenamente confortável com a maneira como as coisas já estão, rendendo-se à sedução do repouso e imobilizando-se na acomodação... A satisfação acalma, limita, amortece (Cortella, 2013, p.11).

O movimento de saída de um estágio rumo ao seguinte, de mudança de hábitos, de fechamento de ciclos, da possibilidade de transformação, nos acompanha durante toda vida, sento inevitáveis, visto que se não mudássemos (ou não tivéssemos essa “carta na manga”) não sobreviveríamos em um mundo em que as transformações ambientais, de relações interpessoais, e de concepção de realidade estão em constante movimento rumo ao desconhecido, ao inesperado. Novamente Cortella demonstra seu otimismo ao ver tal condição humana, que permite a mudança, como algo que nos dá alento, que insere em nós boa quantidade de ânimo frente as dificuldades que enfrentamos. Tal ânimo, ou otimismo, muitas vezes se manifesta sob a forma de esperança, de uma expectativa de que com o passar do tempo as coisas irão melhorar; nesse momento devemos ter cuidado, adverte Cortella, baseado novamente nas ideias de Paulo Freire: é preciso ter esperança do verbo esperar e não do verbo esperar. Esperar é agir, é juntar-se com os demais e lutar contra aquilo que vitima pessoas, é não admitir que a desigualdade e o sofrimento prevaleçam, naturalizando-se com o tempo. Aquele que espera não age, não modifica, não interfere no que está errado visando sua alteração. O indivíduo que somente observa, que só espera, ou que somente fala, vai contra uma regra muito curiosa dos monges beneditinos: é proibido resmungar, ou seja, reclamar, esbravejar, ao invés de agir, de procurar soluções. Para Cortella, resmungão é aquele que, em meio a ausência de luz, amaldiçoa a escuridão em vez de ascender uma vela.

Não acreditamos que se faz necessário aqui a exposição da concepção de Cortella acerca da natureza última da realidade, pois esta seria em demasiado complexa e exigiria um

maior aprofundamento, bem como a construção de ramificações em direção a outros temas filosóficos. Por isso decidimos expor uma interpretação do que caracterizaria, para nós, a vida humana em última instância no pensamento de Cortella, por considerar tal tema de extrema importância, mais ligados à metafísica humanística do autor.

Esclarecidas eventuais dúvidas, ficam as perguntas: se a mudança, a transformação, e principalmente a sua possibilidade, podem se destacar nas formulações de Cortella acerca da vida humana, em que direção esse movimento se inclinaria? Qual a nossa intenção ao mudarmos? Porque simplesmente não negamos a mudança em nossa vida, já que a tranquilidade, proveniente da inércia, nos parece tão sedutora?

A direção é estabelecida individualmente, pois depende do passado e do presente de cada um, bem como do conjunto dos valores e crenças adquiridas ao longo desses períodos, tal percurso com seu final correspondente pode ser sinônimo do “sentido” que incorporamos a nossa existência; no entanto, a incerteza da direção tomada, ou de sentido em nossa vida, nos faz movimentar, traçar projetos e metas. Cortella nos apresenta tal fato da seguinte maneira:

Existimos, cada uma e cada um, sem que haja uma razão explícita e evidente desde o princípio e sem que nos digam o que somos. A Vida, nossa vida, mescla virtudes e vícios, desejos e necessidades, bens e males; enquanto vivemos procuramos afastar o sofrimento e procuramos incessantemente a paz de espírito e o repouso da mente, que tudo sente, tudo entende (Cortella, 2013, p.139).

Muitas vezes o que observamos é o estabelecimento de um objetivo, ou ponto de chegada, muito conhecido e disseminado pela maioria das sociedades, tido como uma condição duradoura, contínua, conhecida como felicidade. Cortella é contrário a tal ideia, não que a felicidade não exista, mas sim a sua perenidade. “...felicidade não é um estado contínuo, felicidade é uma ocorrência eventual, a felicidade é sempre episódica...”. Nos informa Cortella em entrevista para um filme intitulado *Eu Maior* (um filme sobre autoconhecimento e busca da felicidade), prosseguindo, na mesma entrevista, com uma advertência: “...a felicidade, se marcada pela perenidade, seria impossível, afinal de contas nós só temos a noção de felicidade pela carência, se eu tivesse a felicidade como algo contínuo eu não a perceberia ...”

Esse pensamento (a felicidade como algo momentâneo) é compartilhado por Allan Percy em seu livro “Nietzsche para estressados”, em que ele tece uma série de comentários a partir de aforismos de Friedrich Wilhelm Nietzsche. No início do livro há a seguinte passagem referente ao aforismo “O destino dos seres humanos é feito de momentos felizes e não de épocas felizes”:

A felicidade é frágil e volátil, pois só é possível senti-la em certos momentos. Na verdade, se pudéssemos vivenciá-la de forma ininterrupta, ela perderia o valor, uma vez que só percebemos que somos felizes por comparação (Percy, 2014, p.8).

Ao traçarmos o sentido de nossa vida, evitamos a mediocridade, nos colocando a caminho da mudança e auto-realização. Essa possibilidade de mudarmos, de desejarmos ir adiante, e de efetivamente nos transformarmos, nos dá esperança de melhorarmos em relação aos diversos âmbitos da vida (como a profissional e a pessoal), de construirmos um mundo melhor para todos. Além disso, nos dá alento, nos tira de um certo desânimo de existir sem um sentido pré-estabelecido, inerente a toda espécie, mais firmemente estabelecido. Há uma frase de Érico Veríssimo que Cortella cita em seu livro “Pensar bem nos faz bem! família, carreira, convivência, ética” que diz que “Felicidade é a certeza de que nossa vida não está se passando inutilmente”. Para que nossa vida não seja inútil, banal, superficial, é preciso que ela seja importante para si mesmo e para quem nos cerca, ou seja, é preciso fazer a diferença, agir sobre e em favor do meio em que vivemos.

IV) RELIGIÃO

“...Por mais diversas que elas sejam, respondem sempre a esta vocação dupla e solitária: para além das coisas, atingir um sentido que lhe dê uma plenitude das quais elas mesmas parecem privadas; e arrancar cada ser humano de seu isolamento, enraizando-o numa comunidade que o conforte e o ultrapasse”

(Vernant)

A citação acima, situada no livro “O Dossel Sagrado-Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião”, de Peter Ludwig Berger (2012), explicita duas ideias centrais acerca da concepção de religião em Cortella (principalmente a primeira, referente ao sentido). A primeira delas diz respeito ao sentimento, ou intuição, que nos acompanha e que nos diz que há algo além da simples materialidade, da simples imediatividade. Assim, encontramos a ideia ligada a vida humana que corresponde ao termo espiritualidade, entendida por Cortella como uma “recusa a que vida se esgote na sua materialidade, numa existência que tem sentido em si mesma...”. Essa espiritualidade contida nas religiões faz com que acreditemos na existência, em cada um de nós, de algo que seja imortal, que não seja destruído no momento em que o corpo perecer, esse ponto caracterizaria de uma forma geral as religiões. Aliás esse é o significado da palavra religião: uma “religação com uma força divina, seja ele um deus, uma centelha, a natureza com seus fenômenos, entre outras formas”.

Essa percepção está voltada a um campo de conhecimento distinto daquele que percebemos através dos sentidos ou da racionalidade, e por isso pouco provável, no sentido da possibilidade de se adquirir provas e da experimentação, da intervenção controlada. Esse campo, em que a fé reina, no entanto se manifesta-se de forma empírica quando há a sua institucionalização; mostrando-se como fenômeno empírico construído pelo homem em coletividade; para além da institucionalização, e de tudo aquilo que a cerca, o que resta é especulação, desejos, sonhos sentimentos subjetivos, experiências pessoais, e por isso indeterminado. A fé é entendida aqui a partir de uma definição do filósofo Clóvis de Barros filho em entrevista a uma série de aulas intituladas “espaçoética”: “...a fé é uma virtude cognitiva... a fé é uma certeza, e uma certeza é um conhecimento que tomamos por verdadeiro... é um conhecimento que não decorre de nenhum tipo de comprovação...”

Partindo do exposto acima, fica claro uma divisão, usada por Cortella, em duas categorias extremamente relacionadas: religião e religiosidade. A “religiosidade é um

sentimento, uma inclinação, uma tendência a ter reverência pela vida”, explica Cortella em entrevista para “Entre o céu e a terra: especialistas”, prosseguindo com a explicação do que é religião: “...religião é quando você pega a religiosidade e junta num credo, num sistema, numa estrutura, e portanto você formaliza a tua religiosidade...”; em outras palavras, há a institucionalização de uma crença, de uma fé, por meio de instrumentos legais e o reconhecimento da comunidade no qual ela está inserida. Há a possibilidade de religiosidade sem religião, mas não há como existir religião sem religiosidade, pontua Cortella.

Aqui cabe uma diferenciação entre instituições religiosas voltadas a sabedoria, que possibilitam ao indivíduo escolhas de um modo mais consciente e pautado na reflexão (como o Budismo e parte do Hinduísmo), e religiões normativas, que estabelecem normas de conduta aos seus integrantes (como o Cristianismo e o Islamismo). Desse ponto de vista, há religiões menos restritas que permitem que o indivíduo tenha mais flexibilidade para agir.

Outra observação importante diz respeito a relação entre religiosidade e ética, construída por Cortella na entrevista acima citada: para ele não existe ética sem religiosidade, pode existir sem religião, mas não sem religiosidade. Seguindo a definição de religiosidade, em que o indivíduo possui um sentimento de sacralidade com relação a existência, fica claro que a existência de regras e princípios, tidos como eticamente corretos, utilizados por nós no momento de agir, decorrem desse sentimento de respeito, admiração e tolerância com o outro, sendo esse outro possuidor de vida e, portanto, de algo sagrado que deve ser preservado e protegido no momento da convivência.

Lançando a hipótese de um mundo ideal em que todos nós, sem exceção, tivéssemos uma religiosidade em relação ao mundo e aos seres que nele habitam, em consonância com aquilo que cremos como ideal para uma convivência harmoniosa, não haveria a necessidade de formulações sobre ética ou moral, já que não haveria o desrespeito, a arrogância, a falta de humildade e a indiferença com relação ao outro e com o meio em que vivemos. Infelizmente é algo ideal e não real, ficando apenas na imaginação e em uma parcela da população que se vê vitimada por uma minoria isenta, ou em estado debilitado, de religiosidade.

A segunda ideia central do pensamento de Cortella em relação a religião está direcionado a relação entre religião e comunidade. Para ele as religiões, de um modo geral, “pregam”, ou transmitem, uma noção muito importante à vida em comunidade: a ideia de fraternidade, de estar com outras pessoas. Na passagem a seguir, extraída da participação de Cortella no programa *Palavra Cruzada*, da Rede Minas, ele demonstra a importância do

outro na religião de cristãos e islâmicos, mas que podemos estender para as demais religiões, por entendermos que a religiosidade contida em cada uma delas implica uma certa atribuição de importância as demais pessoas, e a comunidade em geral.

A frase mais forte da história está no livro do gênesis dos judeus que cristãos e islâmicos absorveram... quando, após Abel ser assassinado por Caim, a divindade chega para ele e faz a grande pergunta da vida que é: onde está teu irmão, onde está teu irmão? ...

No decorrer da entrevista ele nos adverte sobre o apodrecimento desse sentimento coletivo provocado pelo modo de viver ocidental. A forma de convivência ocidental mais individualista, mais centrada no eu, atingiu o âmbito religioso fazendo com que se privilegiasse uma religiosidade mais subjetiva. Podemos verificar essa religiosidade mais centrada no eu, como as predominantes presentes no ocidente, em contraste com religiões menos institucionalizadas, menos fechadas, como as encontradas por exemplo em partes da África e no hinduísmo. Nessas últimas, para ele, há uma maior religiosidade no sentido de uma maior reverência ao solo e aos seres que nele habitam, o sagrado como um elemento mais presente. Ambos aspectos, junto com outros, propiciam um senso comunitário mais evidente.

O poder agregador da religião também se manifesta no pensamento de Rubem Alves. Na passagem que iremos expor a seguir, retira do livro “O que é religião”, ele faz uma ligação entre a religião, concebida como uma teia de símbolos e significados, e sua capacidade de unir as pessoas em torno de um objeto comum. Acreditamos que o pensamento de Cortella referente à religião encontra correspondência com as ideias apresentadas no trecho em questão:

Certos símbolos derivam o seu sucesso do seu poder para congregar os homens, que os usam para definir a sua situação e articular um projeto comum de vida. Tal é o caso das religiões, das ideologias, das utopias. Outros se impõem como vitoriosos pelo seu poder para resolver problemas práticos, como é o caso da magia e da ciência. Os símbolos vitoriosos, e exatamente por serem vitoriosos, recebem o nome de verdade, enquanto que os símbolos derrotados são ridicularizados como superstições ou perseguidos como heresias (Alves, 1998, p.18).

Nesse mesmo livro, Rubem Alves mostra que é imprescindível para a sobrevivência humana o estabelecimento de uma ordem, seja de pensamento ou de ação, afim de estabelecer padrões de comportamento e ação e um mundo que conforte os indivíduos. No entanto, diferentemente dos animais, os seres humanos não possuem em seus organismos algo que estabeleça que tipo de ordem ele vai desenvolver sobre o mundo. Sendo assim, não há um determinismo biológico que o obrigue a ser de determinada maneira; sendo esse modo de ser que o colocaria no caminho “em busca de um mundo a sua imagem”.

Partindo da observação acima, podemos ver que diferentes formas de viver são desenvolvidas por seres que pertencem a mesma espécie, a espécie humana, entretanto há uma marca em comum entre eles: a vontade e a esperança de habitar em um mundo que “traga as marcas do desejo e que corresponda às aspirações do amor”. Como esse mundo não existe como fato, independente de nós, o que resta é construí-lo. Nesse momento “a religião aparece como a grande hipótese e aposta de que o universo inteiro possui uma face humana”, oferecendo aos indivíduos a certeza de que o fazem e o que pensam correspondem a maneira certa, ou verdadeira de ser; nesse sentido, a religião favorece a manutenção de ordem presente, lançando sobre ela uma aura de sacralidade. Daí decorre a crença em divindades, que se manifestam de diversas formas e nomes, variando de acordo com os povos, que ao mesmo tempo é a fonte da vida, cuidando, julgando e punindo em nome dela.

A religião oferece um nível de legitimidade que os homens não conseguiriam dar as suas criações, ou seja, a partir do conhecimento socialmente objetivado, temos a possibilidade de explicação e justificação da ordem social em vigor, e a religião, com sua rede de significados que vai além do material, torna essa ordem mais “blindada” de possíveis ataques.

Ficam as perguntas: quais seriam os agressores, e quais armas seriam utilizadas nesse ataque? Todos nós somos potencialmente os agressores, ou contestadores da ordem estabelecida, e as armas são fabricadas nas situações marginais que ocorrem em nossas vidas durante os sonhos e a imaginação. Outra situação marginal é a experiência da morte. Para Berger, as situações marginais, principalmente fenômenos que nos remeta a morte, faz o indivíduo colocar em questão “os procedimentos cognitivos e normativos operantes *ad hoc* (na sua vida ‘normal’ na sociedade); a dúvida proveniente das situações marginais revelaria a precariedade das construções humanas. Tiramos uma perspectiva negativa da religião, já que ela exerce um papel, de certa maneira, ilusório sobre o nosso pensamento.

Cortella seguiu outro caminho de interpretação da religião que pode ser considerado mais otimista. É claro que ele não descarta o papel da religião como manutenção da ordem, mas não nega – e busca – outros caminhos além dessa função. Para ele, um dos papéis executados pela religião impede que sejamos tomados pelo terror de existir. Ela oculta ao próprio homem “o carácter construído da ordem social para que ela possa se reproduzir como ordem, evitando a anomia e o caos”, acentua Berger. Esse posicionamento é evidenciado na passagem a seguir, retirada de “Entre o céu e a terra: especialistas”.

O terror é uma sensação face a vida de que nós somos ínfimos, de que nós somos minúsculos, de que nós somos frágeis, portanto eu, homem e mulher em qualquer tempo da história, sozinho nada sou, eu preciso não só de outros seres humanos como eu preciso de formas e crenças que confirmem sentido a minha vida para que ela não fique banal, sem propósito. Nessa hora a religião, a partir da religiosidade, vem à tona, isto é, quando eu começo a crer que a minha vida tem sentido, que eu pertencço a um mistério que é maior do que eu, quando há forças que podem me ajudar ou me prejudicar, quando eu faço parte de fato de uma estrutura que se conecta e que eu posso nela me apoiar, a religião aparece como necessidade e o terror fica enfrentado, qual é o terror? É o terror de existir.

Da citação acima, podemos constatar possíveis papéis desempenhados pela religião na vida dos indivíduos, sendo o mais importante o estabelecimento de sentido, seja para nos acalmarmos quanto a fluidez da vida, seja para tirarmos o universo de sua frieza e indiferença com relação aos seres humanos, através de um “encantamento do mundo”; seja para despertar nas pessoas um sentimento de pertencimento a uma entidade amorosa, criadora e protetora que nos coloca em uma esfera que vai além da vida; e para termos motivos para nos movimentarmos todos os dias.

Em concordância com seu otimismo, Cortella acredita na possibilidade de construirmos uma religião que não aliene as pessoas, ou seja, podemos ter formas de religião que não tornem as pessoas automáticas, viciadas, indiferentes ao mundo terreno, em detrimento de um outro, ou até mesmo “teodependentes”, como ele coloca. Essa possibilidade se faria presente se tomássemos a religião como instrumento de libertação, fazendo com que sejam melhores, mais coletivas, menos individualista.

Em Berger, temos uma espécie de caminho para tal propósito: fazendo com que a sociedade possa ser vista como construção humana. Independente de deuses, forças divinas e superiores, o que está contido na sociedade, material e imaterialmente (como valores e formas comportamentais) são manifestações e perpetuações humanas, que, mesmo tendo como fonte original uma força superior a nós, são demasiadas vagas e abrangentes, podendo ser moldadas e adaptadas ao nosso contexto. Ademais, o que se prega e ensina na grande maioria das religiões contemporâneas comumente está de acordo com as formas de democracias estabelecidas e tidas como a melhor forma de conviver em sociedade. Na próxima seção, abordaremos o tema do multiculturalismo, com o objetivo de, ao final da pesquisa, propor uma resposta à seguinte questão: estaria a Unilab, como instituição de integração internacional entre culturas provenientes dos países de língua portuguesa, se desdobrando como um espaço efetivamente multicultural?

O estudo do Multiculturalismo em Cortella se faz necessário primeiramente para situar o autor em um tema atualmente pertinente no âmbito das ciências humanas. Um segundo motivo refere-se à construção de mais uma ligação entre Cortella e Paulo Freire, o que permite a construção de linhas de pensamentos entre ele (Cortella) e demais autores (Freire, e escritores que ele utiliza). O terceiro, e último motivo, diz respeito a instituição ao qual estamos ligados, a UNILAB, que se utiliza de Freire, e que, portanto, nos serve de referência teórica direta. Assim, o estudo desse tema específico em Cortella diz muito sobre nós, e onde pretendemos chegar.

V MARIO SERGIO CORTELLA E MULTICULTURALISMO

Não pode haver interculturalidade (e, por conseguinte, multiculturalismo) sem religiosidade, no sentido acima exposto por Cortella, uma vez que a interculturalidade pressupõe um sentimento de sacralidade em direção à própria natureza humana, além do respeito às mais diversas formas de vida e hábitos coletivos (culturas). A passagem situada logo abaixo, retirada do programa "A Máquina", em que Mario Sergio Cortella participa como entrevistado, demonstra claramente a concepção do filósofo sobre a temática do multiculturalismo, temática que orienta a própria constituição da UNILAB, como uma universidade que se compromete a acolher e propiciar a permanência de uma variedade de pessoas oriundas de diferentes países e matrizes culturais. Assim, as concepções de Cortella acerca do multiculturalismo servem de orientação teórica para reflexão sobre esse novo espaço de formação e integração cultural que é a UNILAB. Nas palavras de Cortella (2009):

O Multiculturalismo é uma ideia fortíssima no século XXI que não pode ser descartada, multiculturalismo é entender que não há um único modo de ser humano, não há uma única maneira de pensar, de fazer, de olhar... [...] multiculturalismo é a capacidade de entender que respeitar as diferenças não significa elogiar as desigualdades, por exemplo, homens e mulheres são diferentes não desiguais, homossexuais e heterossexuais são diferentes, não são desiguais.

Partindo dessa primeira aproximação, podemos atribuir ao filósofo um ponto de vista em que a diversidade de formas de vivência, hábitos, pensamento e visão compõem aquilo que se chama (ou que, coletivamente, pode ser concebido como) humanidade, não só em seu sentido biológico, mas, também, e sobretudo, cultural. Para que a possibilidade de percepção positiva dessa "antropodiversidade" (*coletividade de hábitos e modos de vida*) seja de fato viável é preciso afastar a arrogância ligada ao pensamento que há apenas uma única maneira correta de se viver. Além disso, uma mudança de foco se faz necessário: deixando de entender a diversidade como algo ruim para passarmos a vê-la à luz de um ângulo com um olhar estratégico, em que o diverso nos possibilita apreender o novo, o aumento do nosso leque de alternativas, opções e padrões de comportamento ou ação. No entanto, esse posicionamento deve ser incorporado (ou no mínimo posto à disposição das pessoas para que possam avaliar) não somente pela grande massa populacional, em grande medida desprovida de uma maior formação científica, representada por baixos percentuais de formação em níveis superiores de escolarização, mas também por parte dos intelectuais com formação e reconhecimento acadêmico. Como exemplo de intelectuais que demonstraram (pelo menos em um momento de sua produção) um certo olhar contrário à diversidade cultural e favorável a uma única forma de

organização social, citamos o famoso antropólogo francês Claude Lévi Strauss, que, ao contrário de seu relativismo cultural, se declarou preocupado com a “invasão de valores alheios à cultura francesa”, ocasionado pela presença de árabes e africanos islâmicos em seu país. Assim, podemos notar que mesmo partindo de um intelectual como Strauss, questões de encontro entre culturas distintas e de convivência entre pessoas diversas em termos de comportamento e ideias suscitam discordância e olhares negativos com relação a suas possíveis consequências no campo da identidade, da religião, da política, etc.

Cortella pode ser considerado um continuador e propagador das ideias de Paulo Freire. As concepções e formulações de Freire está presente na construção de disciplinas, bibliografia de diferentes cursos, objetivos a serem alcançados, enfim, constitui um dos pilares no qual se assenta a UNILAB. Assim o multiculturalismo defendido por Cortella está de acordo com que Freire escreve na *“Pedagogia Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido”*, em que há a defesa, dentro de um contexto mais amplo de emancipação do homem, do respeito da diferença que visa um diálogo entre as distintas culturas, não da desigualdade. A liberdade conquistada propicia que cada cultura possa se manifestar em um ambiente sem hierarquização, sem justaposição, construindo o ser-no-mundo.

O multiculturalismo requer a liberdade conquistada, o ser cada uma “para si”, o que nos leva a união dos que estão tanto desprovidos de escolha, como vítimas daqueles que possuem liberdade para além do que é socialmente saldável para uma convivência harmoniosa e decente. A conquista da liberdade permite a acomodação da diferença sem que essa se transforme em desiguais (como menciona Cortella).

Dessa forma, o estudo do multiculturalismo em Cortella e a tomada dessa concepção como critério a ser utilizado para avaliação da instituição é também um modo de verificar os diferentes aspectos da UNILAB que “bebem” em Paulo Freire, bem como constatar se as concepções Freirianas estão sendo postas em prática, como intenciona a instituição.

Quando refletimos sobre a UNILAB, notamos uma preocupação no sentido de possibilitar espaços e ferramentas (como a difusão do ideário multicultural em suas práticas, produções científicas, formação de corpo docente e a construção de ambientes físicos) que possam servir para acolher e cultivar a diversidade cultural entre estudantes e professores provenientes dos países parceiros, no intuito de melhor compreender e aprender o que cada modo de vida possui nos seus âmbitos cultural, político, científico, histórico, etc. Para tanto, o respeito é condição de possibilidade básica para construção e funcionamento de um genuíno espaço multicultural.

Visando contemplar a temática do respeito para com a variedade presente no espaço acadêmico e de vivência da UNILAB (o que significa reconhecer o respeito como prática de suma importância para a consecução dos propósitos da UNILAB), citamos a seguinte passagem extraída das Diretrizes Gerais:

“A universidade tem por objetivo promover avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e de pesquisa de países de expressão em língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária...” (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, p.10).

A intolerância, ou a não aceitação do diferente, nos retira duas possibilidades: a capacidade de aprendizagem do que está além do nosso cotidiano e a produção de conhecimento compartilhado e com responsabilidade social. Nesse ponto vale mencionar o filósofo americano Charles Peirce. Ao descrever os métodos de fixação das crenças, Peirce nos apresenta o “método da tenacidade” no qual o indivíduo se fixa a uma determinada crença de modo irrefletido, sem a necessidade de justificativas racionais, desprezando o que se opõe a ela, o que pode culminar em ações intolerantes.

A partir da crença adquirida, deriva-se uma série de hábitos de ação capazes de eliminar dúvidas, que podem ser inquietações existenciais (sentido da vida, para onde vamos, de onde viemos, etc), questões cotidianas (que decisão tomar frente à distintas opções), entre outras. As crenças, quando postas em questão, geram desconforto e irritação. No entanto, podem iniciar um processo em que se busca pensar sobre a própria crença abalada pela dúvida e suas consequências, o que pode culminar na mudança de pensamento, hábito e ação. É nesse cenário que a mudança de percepção sobre a diversidade se torna possível. Abolindo qualquer forma de intolerância e construindo caminhos contrários a ela, a UNILAB deixa claro, por meio da passagem que se segue, a intenção que está na base de uma de suas características: ser uma universidade residencial.

“...a Unilab será uma universidade residencial, permitindo a formação técnica e científica de seus estudantes, e ao mesmo tempo cultural e humanística, com base no convívio, aprendizagem e integração sociocultural...” (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, p.10).

Na passagem acima, fica evidente tanto o posicionamento voltado à adoção do princípio da tolerância quanto a não separação da formação técnica com o humano, com a vivência e convivência das pessoas. Essa não separação vai ao encontro daquilo que Cortella e Paulo Freire escreveram com relação à formação técnica e humanística das pessoas (para que elas não sejam meros depósitos de informação voltados para o mundo do trabalho, domesticados por uma

lógica utilitária) e a necessidade de superar o imediatismo que aumenta em demasiado o “urgente” (como a formação para o mundo competitivo, excludente, cuja competição chega ao ponto da desumanização, da coisificação) em detrimento do “importante” (a construção de uma convivência harmoniosa, sem opressão, baseada em princípios que preservem o hoje sem ameaçar o futuro, seja ambiental ou social).

A busca da aceitação da diversidade passa pelo exercício de uma máxima, "um por todos e todos por um", e a exclusão de outra, "cada um por si e Deus por todos". Cortella trabalha constantemente com as duas máximas anteriores no intuito de explicar a importância de um senso comunitário mais difundido, ou seja, em que todos possam desenvolver o sentimento de um mundo partilhado com responsabilidade, onde todos são igualmente responsáveis por aquilo que afeta a coletividade. Ao trazermos essas duas máximas para a UNILAB, observamos a importância atribuída à primeira e a negação da segunda. A própria noção de “Integração Internacional”, pilar de sustentação da cooperação solidária, praticada pela UNILAB, demonstra uma concepção em que se busca:

[...] a cooperação internacional [...] compromissada com a interculturalidade, a cidadania e a democracia nas sociedades, a Unilab fundamenta suas ações no intercâmbio acadêmico e solidário com **Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste**”(<http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/>)

Notamos, assim, a preocupação em incorporar, no interior de um ambiente ou comunidade (seja ele físico ou de concepção), uma diversidade inicialmente dispersa, mas que, por razões históricas, sociais, culturais e econômicas se identificam em termos de interesses e objetivos a serem alcançados, e, a partir dessa constatação, traçam medidas visando o desenvolvimento técnico e a formação humanística de seus integrantes, para que estes possam produzir e disseminar seus conhecimentos através de suas redes de cooperação e produção acadêmica.

O duplo movimento de busca e atribuição de valores positivos perante similaridades entre modos vivenciais específicos, bem como de peculiaridade de cada um, visando tanto o aprofundamento do conhecimento de cada nação sobre si mesma como de características que possam ser consideradas comuns aos demais países da comunidade é ressaltado na passagem a seguir:

As diversas linguagens e formas de manifestação artística, em uma perspectiva socioantropológica, são tanto componentes quanto síntese que afirmam e caracterizam a cultura dos países. Sendo assim, faz-se necessário recuperar e conhecer sua história, bem como peculiaridades e similaridades de trajetória e manifestações que, aliadas à herança linguística dos países envolvidos, podem favorecer o processo de interação e trocas culturais (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, p. 52).

Desse ponto de vista, o senso comunitário se manifesta na tomada de consciência de si, em sua particularidade e, ao mesmo tempo, universalidade, e do outro, como diferente em alguns aspectos e iguais em outros; no engajamento do Brasil em projetos que contribuam com a superação das desigualdades, tanto nacional quanto internacionalmente; na valorização de um sentimento de pertencimento a uma comunidade maior, na qual todos são corresponsáveis pela manutenção, conservação, e êxito das metas traçadas. Partindo do que foi dito, a máxima “cada um por si e Deus por todos”, pode ser considerada como uma antítese, ou seja, uma oposição, da proposta de integração, cooperação e solidariedade apresentada pela UNILAB para com a sociedade brasileira e países parceiros.

Em termos de conhecimento (epistemologia) Cortella nos adverte que a ciência, um dos modos de se conhecer, progrediu com a quebra daquilo que parecia evidente, com o surgimento e busca de soluções para problemas e dúvidas emergentes, já que a certeza é reiterativa, ou seja, permite apenas estar onde já se encontra. A certeza adormece, entorpece - “o animal satisfeito dorme” - pronuncia o educador em várias palestras. Obviamente não basta somente duvidar ou problematizar, pois a ação estaria em risco. Contudo, a ausência de dúvidas e questionamentos diminuem o leque de possibilidades com relação àquilo que se pode conhecer.

Duvidar, questionar, problematizar se faz necessário para que possamos evitar a queda no dogmatismo e no conservadorismo, caracterizados por atribuírem a si o centro e a propagação da verdade. Assim, sem cair no dogmatismo, concebemos o diverso em suas potencialidades, mas não como um “vale tudo”, evitando, assim, que condutas que não podem ser universalizadas se tornem comuns no dia-a-dia, como, por exemplo, a extirpação do clitóris no intuito de evitar que a mulher obtenha a satisfação durante a relação sexual. Tal prática, por mais que faça parte de uma tradição preservada por uma comunidade, viola a integridade do corpo (do sistema biológico) e da pessoa humana (de experiências qualitativas possíveis), e por isso deve ser posta em questão, através do questionamento dos argumentos empreendidos por quem pratica tal ação. Nesse sentido, a contribuição do olhar e do modo de compreensão do outro nos ajuda a sair de nós mesmos, e observar “por fora” aquilo que somos e que tomamos como verdade.

Na UNILAB, a construção do conhecimento, seja ele acadêmico ou vivencial, baseia-se na cooperação entre as pessoas provenientes de múltiplas e distintas matrizes culturais, sejam elas docentes ou discentes, a aplicação compartilhada do método científico e/ou filosófico à observação ou experiência dos fenômenos, além da posterior formulação e verificação de

hipóteses ou teorias. Podemos designar tal construção como solidária, já que a cooperação se baseia no respeito a origem e expressão da comunidade acadêmica, bem como com intercâmbio de conhecimento dentro de seus integrantes, contribuindo para o pleno funcionamento das ferramentas epistemológicas e vivenciais anteriormente mencionadas. A cooperação solidária está explícita na passagem abaixo:

[...] promover a cooperação Sul-Sul com responsabilidade científica, cultural, social ambiental. Atuando na perspectiva da cooperação solidária, ela valorizará e apoiará o potencial de colaboração e aprendizagem entre países (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, p.10).

No entanto, o reconhecimento e a defesa dessa diversidade não deve mascarar a igualdade entre nós. A igualdade, baseada na ideia de que, na condição de seres humanos, somos detentores de igual dignidade, é em princípio uma construção ética que visa a destruição das desigualdades, e da hierarquia social para que os indivíduos, e sua individualidade, permaneçam, evitando-se, entretanto, o individualismo baseado em posturas egocêntricas e exclusivistas, que reduzem a complexidade das relações humanas à esfera dos múltiplos interesses e objetivos das pessoas em suas vivências particulares.

Nesse debate, em que igualdade e diferença estão presentes, em uma constante relação de reciprocidade, a temática do poder emerge, ou como uma forma de organização da sociedade voltada ao respeito a diversidade, ou como meio de construção de desigualdades em uma estrutura permeada por discriminações e preconceitos.

O poder se expressa como meio de estabelecer o mínimo de harmonia possível às relações entre os indivíduos, evitando ao máximo que os conflitos, inerente à convivência humana, se transformem em confronto, em que há a tentativa de anulação e esmagamento do outro. A passagem abaixo, retirada de uma entrevista concedida por Cortella ao programa televisivo "Justiça do Trabalho na TV", apresentado por Vanderlei Richen, revela um possível fim no qual o exercício do poder deve ser norteado:

"os cristãos afirmam que Jesus de Nazaré disse uma frase fortíssima, que eu acho magnífica, em que ele teria dito: 'quero que tenha vida, e vida em abundância', não é mini vida, não é sub vida, é vida em abundância. Para que a vida seja abundante o poder tem que estar a serviço da vida, não pode ser um poder que serve a si mesmo."

Assim, o poder deve servir a vida em abundância, caso contrário, com sua utilização em benefício próprio ou para uma minoria, ele se torna negativo, maléfico. Cortella diz- brincando com a sonoridade da frase - que "um poder que se serve em vez de servir, esse é um poder que

não serve", reafirmando o que foi dito na citação acima. Entretanto, nos adverte o filósofo, aceitar o que é diferente, conviver e acolher aquilo que é de outro modo, não significa a aceitação passiva de tudo; devemos sim nos guiar por princípios éticos tais como a honestidade, a solidariedade, a decência, e a dignidade, no intuito de evitar a ideia de que "vale qualquer coisa" e cairmos em relativismo moral. Claro que, antes de rejeitar ou aceitar um pensamento, uma ação ou comportamento, devemos compreendê-lo em suas várias dimensões e consequências, já que rejeitar/acolher sem conhecer é preconceito.

Quando há o encontro de modos vivenciais diferentes, o consenso entre os lados é o objetivo desejado para que se possa assegurar a coexistência dos envolvidos. No entanto, em certas ocasiões, não deve haver consenso, pois se assim ocorrer estaríamos negando princípios e comportamentos que foram construídos e legitimados ao longo da história, e que, de alguma forma, encontram correspondência no modo de vida das distintas nações, por exemplo: o nazismo tem que ser vencido, o racismo tem que ser erradicado; não se pode estabelecer um consenso, e sim um enfrentamento duro e incisivo.

Um ponto interessante é que Cortella fala em "cultura humana", para expressar (assim podemos concluir) a presença de características e igualdades humanas em comum, sendo a diversidade expressa através dos vários modos de viver essa cultura humana. Cada um desses modos seria uma cultura específica, com identidade e traços distintivos. A partir dessa cultura humana poderíamos estabelecer critérios, como princípios compartilhados por culturas diversas, que seriam utilizados em um possível julgamento valorativo de situações que se apresentariam pela primeira vez aos nossos olhos.

Uma observação final está direcionada aos que olham o multiculturalismo (entendido aqui como a capacidade de percepção positiva do que é diferente) como uma utopia. Para estes, Cortella diz, para nossa surpresa:

Tem gente que diz assim: 'a isso é uma utopia', eu diria, ainda bem; significa que a gente é capaz ainda de sonhar, ainda de acreditar, ainda crer naquilo que Paulo Freire, estupendo escritor pernambucano, chamava de 'inédito viável', isto é, aquilo que ainda não é, portanto é inédito, mas que pode ser, que é viável de construir, eu acho que uma coisa viável é a vida em abundância.

A utopia, como nos fala Cortella, é necessária como mecanismo de incentivo de motivação, de “combustível” psicológico, que nos permite continuar caminhando, sem nos engessarmos no que já está presente, sem cairmos no fatalismo. A utopia situa-se no horizonte, o horizonte, por sua vez, pode ser entendido como meta e tudo aquilo que nos leva até ela, ou seja, aquilo que almejamos e fazemos para conseguir chegar até a meta. Claro que não devemos traçar metas impossíveis de serem realizadas (jogar na seleção brasileira principal daqui a três dias, por

exemplo). Os objetivos devem ser traçados com base na atual realidade em que estamos inseridos, investigando nessa mesma realidade elementos que nos permitam vislumbrar um futuro desejado e possível.

O inédito viável de Freire situa-se na possibilidade de fazer hoje o que pode ser feito hoje, para que de fato o inédito, ou seja, aquilo que é novo, seja possível de ser construído em bases sólidas no futuro, sem um descolamento com as necessidades presentes.

Assim, a UNILAB propõe, partido da análise da realidade presente, uma nova forma de pensar e agir que pode ser considerada como inédita e utópica, não no sentido de impossibilidade que muitos atribuem ao termo utopia, mas de desejo, de objetivos a serem alcançados através de um esforço cooperativo. Expõe uma proposta em que um horizonte de novos acontecimentos se torna factível por se basear em algo viável, de construção passível de realização.

VI MARIO SERGIO CORTELLA E AS MODALIDADES DE MULTICULTURALISMO

No texto anterior, dissertamos, de maneira introdutória, sobre o pensamento do filósofo, professor e educador, Mário Sérgio Cortella em relação ao multiculturalismo. Agora, buscaremos situá-lo em uma das vertentes, ou versões, do multiculturalismo, para que possamos entendê-lo à luz de uma perspectiva mais ampla. Esse “enquadramento” visa esclarecer sua concepção sobre o tema abordado por intermédio de informações extrínsecas ao seu pensamento, não pretendemos, assim restringi-lo, ou negar a sua originalidade.

A passagem a seguir, retirada do texto *Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural*, de Maria José Albuquerque da Silva e Maria Rejane Lima Brandim, constitui pequeno resumo das quatro principais vertentes do multiculturalismo: *conservadora ou empresarial, humanista liberal, liberal de esquerda, crítica e de resistência*. Vale ainda destacar que os autores, nesta caracterização das diversas modalidades de multiculturalismo, se inspiram na obra de Peter McLaren, *Multiculturalismo Crítico*, publicada em 1997. Isto posto, e nas palavras das autoras:

[...] a vertente conservadora ou empresarial [*preconceituosa e por excelência colonialista*] sustenta a ideia de que o déficit cultural dos grupos não-brancos pode ser superado com a ajuda dos grupos culturais brancos, em prol de uma cultura comum, padronizada... A vertente humanista liberal por “ingenuidade” ou “idealismo” ressalta a existência de uma igualdade natural entre as diversas etnias, sem se preocupar em evidenciar a falta de oportunidades iguais em termos sociais e educacionais. A vertente liberal de esquerda é a favor da pluralidade cultural. Quanto à vertente crítica e de resistência, trata a questão da diferença a partir da dimensão política, considerando-a sempre como resultado de história, da cultura, do poder, e da ideologia (SILVA & BRANDIM, 2008, p. 62-63).

Cortella está incluído entre aqueles que professam crença à última vertente, a de natureza crítica e de resistência. Essa posição defende que “as representações são compreendidas como frutos de luta históricas e sociais mais amplas sobre signos e significados”, o que fortalece a dimensão construída, compartilhada e auto-organizada, da maneira pela qual nos vemos e como vemos os outros. Assim, a visão não só de mundo, mas, também, das pessoas irá depender da cultura observada, de suas relações sociais e institucionais. Como demonstração da inclusão do filósofo na quarta posição, podemos nos referir ao posicionamento de Cortella, quando ele defende o respeito para com as diversas culturas, portadoras de particularidades históricas e comportamentais distintas; apoia o estabelecimento do poder como meio de proteger a vida abundante, contrário ao poder que se serve; incentiva a união e a ação dos que também rejeitam

o preconceito e a discriminação difundidas por uma estrutura hierárquica em que o topo acumula o poder nas próprias mãos, delegando as posições logo abaixo um *status* depreciativo.

A meta almejada pelo multiculturalismo crítico e de resistência (“*a equidade, com base no acesso e permanência escolar de todas as crianças e jovens independentemente das diferenças...(e) preparar a todos para uma convivência plural e diversa*”) nos parece ser o mesmo objetivo (ou um dos objetivos) de Cortella em seus ensinamentos voltados para esfera da convivência humana, ética, política, e áreas afins, ensinamentos esses transmitidos por intermédio de palestras, seminários e participações nos diversos meios de comunicação, tanto como educador quanto como filósofo.

No campo da ética, Cortella nos faz um alerta sobre o perigo que hoje se tornou realidade na vida de muitas pessoas e que ameaça a instanciação de uma sociedade multicultural de fato, não apenas em teoria ou em sonhos. Esse alerta está mais especificamente no livro do autor intitulado “*Não se desespere! – Provocações filosóficas*”. O autor afirma, nesse sentido, que:

Hoje a ética de proteção da vida, a ética de coletividade, que é uma das formas mais fortes para a elevação de nossa condição, vem sofrendo vários abalos. Cresceu muito a ética fingida, exibida apenas como fachada, na qual se prega o que não se pratica...Ou seja, é uma ética egonarcísica, na qual aparece demais a ideia de que ‘eu me safando, os outros...o que posso fazer’. Portanto, é uma ética na qual o valor e o princípio da solidariedade, fraternidade, da amorosidade se ausenta com muita facilidade (CORTELLA, 2013, p.52-53).

O multiculturalismo está inserido em contexto da modernidade, em que a temática, de natureza essencialmente moral ou ética, dos direitos humanos ganha uma maior evidência (se não for totalmente criação dessa mesma modernidade), passando a ser alvo de diversas reflexões. Sua origem (do multiculturalismo) situa-se mais especificamente em meados do século XX, nos Estados Unidos, difundindo-se posteriormente para o resto do ocidente, sendo impulsionado pelas desigualdades e contradições do avanço do sistema capitalista, bem como pela crescente complexidade das relações entre comunidades distintas no interior de uma mesma nação e de nação para nação, já que, com a globalização, observamos a dissolução das fronteiras ou, se não mesmo isso, uma intrínseca proximidade de natureza econômica, política e cultural entre nações.

Nesse sentido, a tensão entre igualdade e diferença constitui um elemento de grande importância e gerador de conflitos no âmbito do debate acerca dos direitos humanos, assim nos assinala Candau, em “*Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*”. A abordagem de Cortella sobre o tema da igualdade e diferença nos

parece pertinente, levando-se em consideração que a visão de um educador com anos de experiência, que lida diretamente com uma diversidade de pessoas, aliada a reflexões filosóficas sobre o tema, próprias de um filósofo cuja carreira profissional é reconhecida dentro dos círculos intelectuais como portadora de relevância e coerência, torna suas formulações dignas de serem observadas. Ele diz, no livro citado anteriormente, que a “[...] *igualdade é um construto ético, enquanto a diferença resulta do biológico ou de uma história que também pode ser mudada para melhor*”. Isso significa que a ideia de igualdade, formulada atualmente e principalmente no interior dos direitos humanos, deve sempre ser protegida e revigorada, devido ao seu caráter dependente; a diferença, por sua vez, se expressa historicamente. Nesse sentido, Candau, no artigo supracitado, aponta para um pensamento de Boaventura de Sousa Santos, que nos permite visualizar, com mais nitidez, a questão: “temos o direito a sermos iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes, sempre que a igualdade nos descaracteriza”. Cortella, de maneira complementar (assim observamos), diz que “reconhecer as diferenças não significa exaltar as desigualdades”, ou seja, diferenças existem, mas o tratamento desigual não tem como base essa mesma diferença, e sim a discriminação, o preconceito e o individualismo acentuado, próprio de algumas associações, instituições e sociedades. Se há, nesse sentido, discriminação, preconceito e/ou individualismo, o direito à igualdade de tratamento deve ser exaltado e evocado, para que aqueles que estão sendo vitimados possam garantir sua diversidade histórica e/ou cultural, não cristalizando, e rejeitando, desse modo, uma suposta inferioridade.

Posteriormente, Candau passa, então, a descrever a perspectiva intercultural. A caracterização de interculturalidade, para a autora, aponta para os seguintes traços gerais: (i) *a promoção deliberada da inter-relação, no interior de uma mesma sociedade, de grupos distintos em termos culturais*; (ii) *a concepção de que há a contínua construção e reconstrução das culturas, em um processo constante de elaboração e alteração de hábitos, comportamentos e significados*; (iii) *a existência de processos intensos de hibridização cultural, que implicam diretamente na construção de identidades*; (iv) *a percepção dos mecanismos de poder presente na relação entre as culturas*; e, por fim, (v) *a afirmação da relação entre diferença e igualdade, podendo essa relação assumir diferentes configurações, dependendo da realidade no âmbito da qual ela se encontra inserida*.

Não por outra razão, podemos afirmar que a perspectiva intercultural da autora se aproxima do multiculturalismo crítico (ela mesma expõe essa proximidade), o que, para nós, representa a contemplação por Cortella de um novo conceito, presente nas suas ideias, mesmo que não

tenhamos observado a menção direta ao termo “interculturalismo” nas obras e falas do autor analisadas até então. Uma observação interessante pode ser extraída a partir do seguinte trecho:

[...] A interdisciplinaridade, para além de fazer conhecer e relacionar conteúdos, métodos, teoria ou outros aspectos do conhecimento, visa ao diálogo entre diversos campos do saber em uma atitude de colaboração... (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, p.27).

Nesse sentido, parece lícito inferir que interdisciplinaridade se apresenta com uma categoria no campo da educação que equivaleria a interculturalidade no campo da cultura, ou seja, a inter-relação proposital permeada por diálogo que permite a construção de um saber capaz de propiciar mudanças positivas. Com base nessa observação, a UNILAB expressa, nas diretrizes, esses dois conceitos:

“ Promover, por meio de ensino, pesquisa e extensão de alto nível e em diálogo com uma perspectiva **intercultural**, interdisciplinar e crítica, a formação técnica, científica e cultural de cidadãos aptos a contribuir para a integração entre Brasil e membros da Comunidade dos Paises de Língua Portuguesa (CPLP) e outros países africanos, visando ao desenvolvimento econômico e social”. (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, p.13).

Fica evidente que o tripé pesquisa, ensino e extensão está, no caso da UNILAB, alicerçado em uma perspectiva intercultural, e com a visão interdisciplinar do conhecimento. Assim, a UNILAB propõe uma prática educacional sensível às diversas realidades histórica e social agora reunidas no Maciço de Baturité (Ceará) e São Francisco do Conde (Bahia), valorizando, também, a flexibilização curricular, o respeito pelas diferenças e pelas diferentes metodologias, além da própria prática da liberdade como um valor político. Com isso, a UNILAB se aproxima, também, do que defende Paulo Freire, em “*Pedagogia da Libertação*”. Nesse sentido, fica explícito que a UNILAB tem como objetivo ou propósito a consecução de uma equidade (algo comum ao multiculturalismo crítico professado por Cortella) aliada ao absoluto respeito pelas diferenças e distintos modos de vida, ícones da existência de uma sociedade plural e multicultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o filósofo e educador Mário Sérgio Cortella, o multiculturalismo constitui uma concepção, um modo de pensar, em que há uma capacidade e disposição para compreender que não há um único modo de ser, de pensar e de viver, e que, para além do entendimento, é preciso que ela (a diversidade) seja explorada e aproveitada em suas múltiplas potencialidades, de modo a fazer com que a coletividade seja beneficiada com o que o diverso nos proporciona e seja, de fato, multicultural. No entanto, a defesa da diversidade não deve justificar a livre e inconsequente manifestação individual (seja os indivíduos e/ou sociedades), tornando possível a expressão da individualidade (não do individualismo), negando o relativismo moral e a ideia de que vale-tudo; também não devemos tolerar tudo que, em nome do respeito a diferença, viole a integridade física e psicológica do ser humano, o que negaria direitos, deveres e princípios, tais como solidariedade, decência, honestidade, entre outros-consolidados através da história, considerados básicos para uma convivência harmoniosa, justa, tendo como base o respeito à dignidade humana, aquilo que todos possuem em comum.

Para Cortella a igualdade, uma construção ética, que visa a destruição das desigualdades, deve ser protegida sempre, devido seu caráter dependente, para que possamos atingir a equidade, baseada no acesso aos bens e serviços sem qualquer distinção. Essa construção é protegida por aqueles e aquelas que, insatisfeitos com o estado atual das relações interpessoais, exaustão dos recursos naturais, primazia do poder aquisitivo sobre o bem-estar coletivo, incentivo ao individualismo e a formas excludentes de convivência, se unem para tentar modificar tal realidade. A Unilab situa-se nesse cenário, juntando-se aos demais países de língua portuguesa no intuito de construir uma nova sociedade. Partindo das reflexões de Cortella, a UNILAB se mostra como um espaço que podemos considerar como verdadeiramente multicultural, se tomarmos em consideração o projeto (esboçado nas Diretrizes Gerais da Unilab) a ser consolidado na medida em que as atividades da instituição são exercidas. Tais diretrizes estão assentadas em princípios e práticas verdadeiramente multiculturais, tais como a cooperação solidária, a integração/engajamento do Brasil com os países parceiros no intuito da superação das desigualdades e a diversificação de seu corpo discente e docente visando o intercâmbio de conhecimentos, para que a formação dos discentes não seja apenas técnica, mas também humanística, em prol de uma intervenção ativa na sociedade.

Assim, podemos notar, na UNILAB, a convivência de modos distintos de se viver, em que o multiculturalismo se faz presente de fato, não só em termos de ideias a serem difundidas e

executadas a médio e longo prazo, mas na prática (na atualidade), através de medidas que contemplam uma concepção multicultural da vida. A abertura ao diálogo, visando a livre manifestação das opiniões, a construção de meios físicos que abriguem em um mesmo local a variedade cultural, o planejamento e execução de medidas que apoiam e propiciam a manifestação, o respeito e valorização das culturas provenientes de distintas matrizes, o incentivo a pesquisa e a produção em diversos campos do saber, bem como a relação entre eles, a oferta de cursos e disciplinas que aprofundem não apenas o ideário multicultural, mas, também, interdisciplinar, e intercultural, entre outros, demonstram esse fato.

REFERNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.768.

ALVES, Ruben. **O Que é Religião**. (Coleção primeiros passos). Editora Brasiliense. Disponível em: files.direito-pucminas.webnode.com.pt

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, 3vol, 37num. jan-abr. 2008.

CAPRA, Fritjof. **Sabedoria Incomum: Conversas com pessoas notáveis**. 13.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não se desespere! provocações filosóficas**. 5 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não nascemos prontos! Provocações filosóficas**.16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. **Pensar bem nos faz bem!** .1filosofia, religião, ciência, educação. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Ferraz & Cortella, 2014.

CORTELLA, Mario Sergio. **Pensar bem nos faz bem!** 2. Família, carreira, convivência e ética. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Ferraz & Cortella, 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. **A Ética e a Produção do Conhecimento Hoje**. Cidadania na Escola. ECA: Conhecer para Reconhecer. Disponível em: www.forumdacidadania.org.br

FILHO, Clóvis de Barros. **Espaço Ética** (Fé e Virtude). Disponível em: www.youtube.com. Acessado em 31 de outubro de 2014.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Educação e Mudança**. 34.ed ver. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo Freire, 1921-1997. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GALVÃO, Pedro. **Utilitarismo, de John Stuart Mill**. (Introdução tradução e notas de Pedro Galvão). Portugal: Porto Editora, 2005.

PIMENTA, Maria Alzira de Almeida. **A escola e o conhecimento: Fundamentos epistemológicos e políticos**. Pro-Posições - vol.11 n. 3 (33) novembro 2000.

PERCY, Allan. **Nietzsche para estressados: 99 doses de filosofia para despertar a mente e combater as preocupações**. SEXTANTE. 1.ed. 2014.

SILVA, Maria José Albuquerque. BRANDÍM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural**. Diversa, n1, Pp51-66. jan-jun.2008.

REFERÊNCIAS DOS VÍDEOS E ENTREVISTAS DE CORTELLA

CORTELLA, Mario Sergio. **Programa do JÔ.** (diferença entre ética e moral) Disponível em: www.youtube.com. Acessado em 7 de junho de 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. **Entre o céu e terra:** especialistas. Disponível em www.youtube.com. Acessado em 2 de março de 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. **PALAVRA CRUZADA:** Rede Minas (Mídia versus Religião, vivemos num Estado laico). Disponível em www.youtube.com. Acessado em 9 de março de 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. **A Máquina.** Disponível em www.youtube.com. Acessado em 18 de junho de 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. Relações de poder. **Justiça do Trabalho na TV.** Disponível em www.youtube.com. Acessado em 18 de junho de 2015.